

## 4 Um recorte de outro recorte do mundo: as redações.

### WHAT A TEXT IS

What do we mean by text? We can define text, in the simplest way perhaps, by saying that it is language that is functional. By functional, we simply mean language that is doing some job in some context, as opposed to isolated words or sentences that I might put on the blackboard [...] So any instance of living language that is playing some part in a context of situation, we shall call a text.

It may be either spoken or written, or indeed in any other medium of expression that we like to think of. (Halliday & Hasan, 1985)

### 4.1

#### Introdução

Junto com a decisão de redigir este trabalho sobre a problemática da redação no EM, faz-se necessário analisar redações que servissem de trampolim para ilustrar o que fosse proposto acerca dela própria nesta dissertação.

Na epígrafe, Halliday & Hasan, deixam claro que um texto é um meio de se exercer o funcionalismo da língua. Funcionalismo implica entender que a língua está em uso, a serviço. Ela está se articulando e acontecendo através do falante.

Passo agora às redações das minhas alunas. Estão como vieram, com a escrita vez que outra apresentando desvios da norma padrão. Mantive a forma original dessa escrita mesmo quando faço uso apenas de alguma frase, até mesmo excerto, para ilustrar tópico lingüístico em estudo.

### 4.2

#### As redações

##### 1 - Aline

“A favela, não é lugar de bandido. Apenas umas pessoas não tem oportunidade na vida e as vezes sem estudo [não têm estudo]. Com isso vira um bandido e não tendo em

prego e outro meio de ganhar dinheiro entra pra criminal idade, vendendo drogas ou roubando. Mais na favela existe pessoas do bem e também do mal. Os bandidos vive em comunidade importantes e não em favela. Pois uma grande violência com as pessoas é o tiroteio que causa pânico e vendo isso todos vivem com medo e até passam ajudar escondendo armas e as crianças vivenciando drogas e as crianças vivem passando por isso e acabam se tornando um bandido. Admirando e vive o que tem.”

## **2 - Juliane**

Eu acredito que favela é lugar de bandido sim, porque os bandidos por serem criados lá dentro, muitas crianças vêm a ação deles e acabam indo pelo mesmo caminho, acham bonito andar com arma na mão, crianças pequenas já usam drogas. E na zona Sul existem bandidos também, mas lá eles não são considerados não como bandidos, mais sim como playboy, filhinho de papai essas coisas, não estou dizendo que na favela só mora bandido, até porque moram muitas pessoas honestas que só querem trabalhar e dar o melhor para os seus filhos, mais é muito difícil uma criança nascer, crescer e não se misturar com esse tipo de coisa, até porque eles convivem com isto 24 horas, com pessoas se drogando, tiroteios, bandido para um lado polícia para o <sup>10</sup>outro, tanto que essas notícias de bandido trocando tiro com polícia só acontece em favela por isso que eu concordo que favela é lugar de bandido.

## **3 - Alessandra**

Assim como em qualquer outro lugar, bandidos existem, mas é nas favelas que eles se escondem com mais facilidade. Consideremos a idéia de que a favela é um labirinto para os traficantes, onde é possível o acesso à entradas e saídas estratégicas conhecidas somente por eles; em determinados pontos é possível ver quem entra e quem sai da favela, permitindo o controle de pessoas “estranhas” aos moradores. Esses são alguns, me atrevo até a dizer que um ponto principal, para que esses delinquentes não queiram abandonar as favelas, que acabam se tornando quartéis propícios à eles. Isso faz com que cresça assustadoramente o número de bandidos nas favelas.

#### **4 - Bruna**

Devido as condições financeiras a favela é sim, lugar de bandido pois se a polícia está a procura de um bandido ela entra na favela. Lá na favela tem sim gente honesta, mas é lá também que se cria novos bandidos pois as crianças convivem com esses homens de arma na mão matando, vendendo drogas. É essa a realidade delas. Por isso algumas crescem com o ideal de serem, chefes do morro ou da boca de fumo. Bandido também existe na zona Sul mas muitas vezes casos de crime com filhinhos de papai é abafado e os mesmos nem sequer passam uma noite na cadeia.

Já um morador da favela, se estiver no local errado, na hora errada é taxado de bandido.

#### **5 - Josiane**

Sim, porque eles procuram morar em favelas para poderem se esconder e fazer suas transações como: vender maconha, qualquer tipo de droga, quando forem roubar as pessoas das cidades eles se escondem nas favelas, é lá que eles se aglomeram e formam seus bondes, com mais de 10 cabeças. A maioria dos bandidos procuram morar em morros, para formar seu próprio território, fazendo com que o acesso da polícia para com eles se torne difícil. Mas nem sempre eles tem o morro como “casa própria”, pois sempre tem um inimigo querendo invadir e fazendo com que aconteça uma guerra com tiros e mortes, vence quem viver. É constante essa briga entre bandidos contra bandidos e polícia contra bandidos, com isso a comunidade acaba pagando o preço, muitos inocentes morrem de balas perdidas e são assassinados sem motivos. Daí a expressão “Favela é lugar de bandido”. A população cita essa frase por ouvir todas estas coisas que existe na favela, que acaba sendo vista com maus olhos. Tornando-a sim um lugar perigoso.

#### **6. Flávia**

Favela é lugar de bandido, embora todo lugar tenha bandido. Favela possui a maior concentração de gente que é imoral. Favela é rotulada pela mídia de maneira às vezes errônea, pois além da maioria (bandidos) existe a minoria de gente honesta e trabalhadora que por suas condições são obrigados a conviverem com a discriminação.

Procurar bandido, vai na favela, que encontrará mais do que esperava, aos montes. Na favela mora aqueles que são automaticamente excluídos e discriminados pela sociedade.

## 7. Daiane

Sim! Pois a favela já tem um peso pelo nome que leva e por ser habitada por pessoas pobres. É um lugar onde a violência rola solta, tiroteios, bandidos que roubam as grandes cidades e moram na favela. Isso tudo coopera para a má fama das favelas. A falta de oportunidades para moradores da favela até mesmo na área da educação, faz com que as pessoas se revoltam. Crianças, moradoras de favelas já crescem com a imagem da violência e com o pensamento de injustiça; fazendo com que muitas destas se tornem bandidos e marginais quando crescerem. Pensam que terão mais futuro seguindo a vida do crime e do tráfico. Acontece que muitos deles acreditam em um futuro que sempre acabará com um final triste, ou morte ou cadeia. Por isso as pessoas têm um pensamento ruim sobre moradores de favelas, pois de um jeito ou de outro, quem quiser encontrar bandidos, poderão ir diretamente nas favelas que encontrarão eles lá.

## 8. Rafele

Eu acredito que favela é lugar de bandido. Eu sei que tem muita gente que mora na favela e não são bandidos e que estão lá por meio de falta de opção mesmo, mas eu acredito que todos os bandidos procuram a favela para ficar 1º por ser uma comunidade de gente pobre, e são uma das causas que fazem ele ir até lá achar o seu lugar. Sem crianças que crescem no meio dessa violência, que até admiram os bandidos e até pensam em ser como eles um dia, é por eles que estão crescendo no meio disso tudo, eles ficam no pensamento que ali é o lugar dele, no crime, na violência etc, e que ali sim é lugar de bandido. Eu também acredito que muitos dos play boys, filhinho de papai, quando querem fumar, comprar a sua maconha vão até a favela para comprar, porque lá que ficam os vendedores. Sei que em todos os lugares tem bandidos, não só na favela, mais quando falamos a palavra favela, lembramos sempre de bandido, e lá sim na minha opinião é um lugar para eles.

## 9. Thais

Favela tema discutido em todas as regiões do Rio de Janeiro, favela é lugar de bandido. Todos nós quando pensamos em bandido lembramos logo das favelas, porquê é o local onde o marginal mora, monta seu ponto de venda de drogas, promove os chamados “bailes de favela” e esconde os produtos roubados. Os bandidos mais conhecidos são os das grandes favelas, acusados de latrocínio, morte, assaltos e atentados a ordem pública. Geralmente a mídia em geral não tem motivo para falar bem das favelas, pois em todos os lados ela é vista com preconceito até porque ela não tem muitas coisas boas para serem ditas...

## 10. Marina

Geralmente os bandidos encontram-se residindo em favelas, mas isso não significa diretamente que só existam bandidos em favelas, as favelas são comunidades pobres por isso lá estão a maioria dos bandidos, porque não tem condições de sustentar-se em um lugar melhor, pois se tivesse não teria a necessidade de ser “bandido”. Realmente eu tenho que admitir que favela é lugar de bandido, pois a pessoa só rouba, trafica, mata ou etc. , quando já conviveu com aquilo ou aprendeu aquilo desde que era criança, então o lugar que a pessoa mora ou o que ela vê todos os dias influência muito no que ela faz, mas também não podemos deixar passar em branco que fora da favela com certeza também existe bandido.

### 4.3

#### Primeira unidade de análise: o Argumento

Entro agora na parte mais importante desta dissertação: a análise das redações sob as três unidades de análise mencionadas. Elas me pareceram importante escopo para que eu pudesse mostrar que na escrita do EM nem tudo está perdido, aliás, é, declaradamente, um dos objetivos desta dissertação.

Posso, como professor, examiná-la, em seguida avaliá-la e descobrir que, pelo Argumento, para me referir a apenas uma das três que criei, é constituída de uma força que o hábito de lê-las por viés das regras da gramática tradicional jamais me teria levado a perceber. Ela lida com a psicologia do escritor, com a cognição de mundo que

ele tem e pode empregar para convencer. As outras duas, o Processamento Verbal e a Progressão Textual, estão ligadas diretamente à oração e seu enquadramento nas engrenagens textuais, mas atuam também em prol da argumentabilidade do texto, e, quando isto ocorreu, anunciei. Não estão aqui neste trabalho unicamente por esta razão, a da argumentabilidade, mas para que seja analisada a escrita, ou seja, a oração, a sequência de palavras da aluna, a culminância de sentido em alguma parte desta mesma oração ou ao fim dela, e mesmo ao fim do texto.

Então, para alertar quanto ao alargamento de estudo feito acerca da argumentabilidade, invadindo ele seção que não trata diretamente dele, devo dizer que isto ocorre dentro dos entendimentos iniciais deste trabalho, de que a escrita é instrumento eficaz para a formação da pessoa, do jovem do EM, de sua consciência e subjetividade, de liberdade com responsabilidade, ensinada a ele, quanto ao viés com que pode olhar as coisas do mundo e não será punido por isto. Por causa desta visão que tenho da escrita do EM é que aponte aqui e ali momentos em que a linguagem do aluno se enche de força argumentativa.

#### 4.3.1

##### Tese de Adesão Inicial

Suárez Abreu, em capítulo intitulado “Condições da Argumentação”, afirma que é preciso, antes de tudo, “ter definida uma tese e saber para que tipo de problema essa tese é resposta” (2000, p. 12). Todos os textos das alunas deixam clara sua tese (os números são das redações):

<b>“Favela é lugar de bandido?”</b>	
1. ⇒ “não é lugar de bandido”	6. ⇒ “Favela é lugar de bandido”
2. ⇒ “Eu acredito que favela é lugar de bandido sim”	7. ⇒ “Sim!”
3. ⇒ “nas favelas que eles [os bandidos] se escondem com mais facilidade.”	8. ⇒ “Eu acredito que favela é lugar de bandido.”
4. ⇒ “Devido as condições financeiras a favela é sim lugar de bandido”	9. ⇒ “favela é lugar de bandido.”
5. ⇒ “Sim!”	10.⇒ “Realmente eu tenho que admitir que favela é lugar de bandido”

Quadro 1 – Tese e resposta

Os quadros a seguir mostram alguns exemplos em que a tese de adesão inicial se fortalece com a linha de argumentos, atraindo o leitor a ela (os números são das redações):

<b>1. Tese inicial</b>
“A favela não é lugar de bandido”
<b>Argumentos</b>
a. “Apenas umas pessoas não tem oportunidade”
b. “Não tendo emprego entra pra criminal idade”
c. “Os bandidos vive em comunidade importantes”
d. “Uma grande violência com as pessoas é o tiroteio”
e. “[O tiroteio] causa pânico [...] todos [...] passam a ajudar escondendo armas”

Quadro 2 – Tese inicial + argumentos – redação 1

<b>2. Tese inicial</b>
“Eu acredito que favela é lugar de bandido sim.”
<b>Argumentos</b>
a. “porque [...] muitas crianças veem a ação deles [dos bandidos] e acabam indo pelo mesmo caminho”
b. “é muito difícil uma criança nascer, crescer e não se misturar com esse tipo de coisa”
c. “porque eles [as crianças] convivem com isto 24 horas”
d. “tanto que essas notícias de bandido trocando tiro com polícia só acontece em favela”

Quadro 3 - Tese inicial + argumentos – redação 2

<b>7. Tese inicial</b>
“Sim!”
<b>Argumentos</b>
a. “Pois a favela já tem um peso pelo nome que leva e por ser habitada por pessoas pobres”
b. “É um lugar onde a violência rola solta”
c. “bandidos que roubam as grandes cidades e moram na favela.”
d. “quem quiser encontrar bandidos, poderão ir diretamente nas favelas que encontrarão eles lá.”

Quadro 4 - Tese inicial + argumentos – redação 7

<b>9. Tese inicial</b>
“favela é lugar de bandido”
<b>Argumentos</b>
a. “Todos nós quando pensamos em bandido lembramos logo das favelas”
b. “é o local onde o marginal mora”
c. “monta seu ponto de venda de drogas”
d. “promove os chamados “bailes de favela”
e. “e esconde os produtos roubados”
f. “Os bandidos mais conhecidos são das grandes favelas”
g. “Geralmente a mídia em geral não tem motivo para falar bem das favelas”

Quadro 5 - Tese inicial + argumentos – redação 9

### 4.3.2

#### Evidência dos Fatos – as provas

Garcia afirma que “A argumentação esteia-se em dois elementos principais: a consistência do raciocínio e a evidência das provas.” É ilusão, afiança este autor, achar que se “está apto a escrever quando se conhecem as regras gramaticais e suas exceções.” (1971, p. 371).

Raciocínio consistente significa que a argumentabilidade do aluno tem força de convencimento, de persuasão. Corresponde, para ele, à verdade. Verdade dele. Argumentar é expor-se a riscos exatamente na coerência de ter dito um ‘sim’ ou um ‘não’ no início da redação e construí-lo palavra por palavra, deixando evidentes as provas e sua compatibilidade com o ‘dito’. Segundo ainda este autor, a evidência é “considerada por Descartes como o critério da verdade – é a certeza manifesta, a certeza a que se chega pelo raciocínio [...] ou pela apresentação dos fatos [...]” (Garcia, 1971, p. 371).

Duas redações defendem o ponto-de-vista de que favela não é lugar de bandido e apresentam alguns argumentos para garantir isto:

<b>Favela não é lugar de bandido</b>
<b>Redação 1</b>
Argumento: “umas pessoas não têm oportunidade”
Argumento: “não têm emprego ou outro meio para ganhar dinheiro”
Argumento: “vendendo drogas ou roubando”
Argumento: “os bandidos vive em comunidade importantes” [sic]
Argumento: “o tiroteio que causa pânico”
Argumento: “vivem com medo e passam a ajudar escondendo armas”
<b>Redação 10</b>
Argumento: “não têm condições de sustentar-se”

Quadro 6 – Fato/argumento – “Favela não é lugar de bandido”

De acordo com essas duas alunas, favela é lugar digno como outro qualquer, apenas “umas pessoas não têm oportunidade”, ficando claro que a maioria tem. A muitas falta-lhes emprego, o que torna a favela lugar vulnerável a bandidos, que certamente trazem consigo um mundo falso de sucessos e ganhos, nas drogas, em roubos consequentes, em ações humilhantes de terem moradores de esconder armas sob pena de serem mortos. Dão as alunas a entender que se fala mal injustamente da favela, bandidos vivem mesmo é longe dali, em lugares ricos.

Outras autoras entendem, por outro lado, que favela é sim lugar da bandidagem, os fatos o confirmam:

<b>Favela é lugar de bandido</b>
<b>Redação 2</b>
Argumento: “crianças pequenas já usam drogas”
<b>Redação 3</b>
Argumento: “é nas favelas que eles se escondem”
<b>Redação 4</b>
Argumento: “lá também que se cria novos bandidos”
<b>Redação 5</b>
Argumento: “eles procuram morar em favela”
<b>Redação 6</b>
Argumento: “vai na favela que encontrará mais do que esperava”

**Redação 8**

Argumento: “lá que ficam os vendedores [de drogas]”

Quadro 7 – Fato/argumento – “Favela é lugar de bandido”

Também aqui os argumentos das alunas adquirem força indubitável, seja no emprego da ideia de crianças usarem bem cedo drogas, seja na afirmação garantida frequentemente pela mídia de que bandidos se escondem, residem até em favelas, transformando-as em quartéis-generais, seja na garantia inquestionável que é dada às pessoas no sentido de que se tiverem alguma dúvida quanto à favela, basta ir a uma, dentre tantas, que ficará comprovado muito mais do que elas pensam acerca de favela.

Afirma Garcia que existe uma diferença entre fato e índice. Para o primeiro, o autor usa três palavras que o caracterizam definitivamente: “coisa **feita, verificada e observada**”. Já o segundo apoia-se “apenas em indícios”, forma evidências (1971, p. 276/277). Nestes a certeza é relativa, trabalha com probabilidade. Os fatos apresentados pelas alunas como fonte de força argumentativa em sua maioria não provêm do empirismo que tivessem praticado, de algum levantamento de dados in loco, mas do que ouviram sobre tais fatos envolvendo a favela. Há alguns quantificadores, típicos da linguagem do senso comum, que dão força à evidência, às provas (Garcia, 1971, p. 372/373).

**Dados quantificadores**“não é lugar de bandido. Apenas **umas** pessoas não têm oportunidade” (R1-L1)“**muitas** crianças veem a ação deles e acabam indo pelo mesmo caminho” (R2-L2)“moram **muitas** pessoas honestas” (R2-L6)“formam seus bondes com **mais de 10 cabeças**” (R5-L4)“Procurar bandido, vai na favela, que encontrará [...] **aos montes**” (R6-L5)“Eu sei que tem **muita** gente que mora na favela e não são bandidos” [sic] (R8-L2/3)“**muitos** dos play boys [...] quando querem fumar [...] vão até a favela” (R8-L8/9)“ela não tem **muitas** coisas boas para serem ditas” (R9-L8)

Quadro 8 – Quantificadores

### 4.3.3

#### Argumentos Crescentes - ordem das provas

Outra forma de argumentar, segundo Garcia, é escolher “a ordem em que as provas são apresentadas” e provas aqui são os fatos, os argumentos, enfim. “Adota-se a ordem gradativa crescente” (1971, p. 380), que é o de costume. Vejamos alguns exemplos desta técnica, que serão comentados posteriormente:

<p style="text-align: center;"><b>“Favela não é lugar de bandido” – tese – redação 1</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Ordem/estágio dos argumentos para corroborar a tese:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. “[umas pessoas não tem] estudo”</li> <li>2. “entra pra criminal idade”</li> <li>3. “vendendo drogas”</li> <li>4. “ou roubando”</li> </ol>
<p style="text-align: center;"><b>“Eu acredito que favela é lugar de bandido sim” – tese – redação 2</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Ordem/estágio dos argumentos para corroborar a tese:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. “muitas crianças veem a ação deles” [dos bandidos]</li> <li>2. [elas] “acabam indo pelo mesmo caminho”</li> <li>3. “acham bonito andar com arma na mão”</li> <li>4. “crianças pequenas já usam drogas”</li> <li>5. “é muito difícil uma criança nascer, crescer e não se misturar com esse tipo”</li> <li>6. “convivem com isto 24 horas”</li> </ol>
<p style="text-align: center;"><b>“a favela é sim, lugar de bandido” – tese – redação 4</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Ordem/estágio dos argumentos para corroborar a tese:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. “se a polícia está a procura de um bandido ela entra na favela”</li> <li>2. “lá se cria novos bandidos pois as crianças convivem com esses homens”</li> <li>3. “Por isso algumas crescem com o ideal de serem, chefes do morro” [sic]</li> <li>4. “casos de crimes com filhinhos de papai [da Zona Sul] é abafado</li> <li>5. [os filhinhos de papai] “nem sequer passam uma noite na cadeia”</li> </ol>
<p style="text-align: center;"><b>“Sim” – tese – redação 5</b></p> <p style="text-align: center;"><u>Ordem/estágio dos argumentos para corroborar a tese:</u></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. “eles procuram morar em favelas para poderem se esconder” [os bandidos]</li> <li>2. “e fazer suas transações”</li> </ol>

3. “é lá que eles se aglomeram”
4. “e formam seus bondes”
5. “fazendo com que o acesso da polícia para com eles se torne difícil”

Quadro 9 – Ordem das provas

Na redação 1, a gradação ocorre na seguinte montagem de múltiplas relações de causa e efeito: pessoas não têm oportunidade de estudar. Abre-se caminho para vida no crime, na qual vendem droga ou põem-se a roubar.

Na redação 2, também há relações de causa e efeito criando gradação: ver a ação dos bandidos > ir pelo mesmo caminho > andar com arma na mão > usar droga. Como conclusão pairando por sobre esta sequência, uma outra, que vem fortalecer a ideia de destino inevitável de crianças de favela: nascer, crescer e ter, obrigatoriamente, de se misturar à bandidagem, ou melhor, mais que isto: conviver com ela 24 horas por dia.

A gradação da redação 4 envolve estas grandezas conceituais: favela é lugar de bandido, a polícia que o diga. Mais que isto: é escola de bandidagem para crianças. Estas sonham com o ideal de chefia, de donas do morro. Buscando reforços à tese de que favela é esse tipo de lugar, a autora traz elemento surpreendente à linha crescente de argumentos: aborda o lado não-favela da cidade, que é a Zona Sul, onde também há bandidos, mas a condição privilegiada dos cidadãos desta parte da cidade faz com que crimes fiquem amordaçados e a culpa recaia impiedosamente sobre a favela, e tal abordagem feita pela aluna cria forças de convencimento de que favela não é lugar bom para se viver. O foco de convencimento continua intensamente girando ao redor da tese de que favela é terra para bandidos sem dúvida nenhuma. E, como ponto máximo da gradação, já concluindo-a, vem a afirmação que põe por terra qualquer ideia contrária à que queira inocentar a favela, que é o fato inescrupuloso de que os filhinhos de papai da Zona Sul “sequer passam uma noite na cadeia”. O leitor está, assim, de frente para a favela e sai da linha de argumentos convencido de que é espaço para que se alastrem os bandidos e sua violência generalizada.

A gradação da redação 5 é formada por cinco ações e seu sentido é visivelmente crescente, mostrando a tática dos bandidos para obterem sucesso em suas empreitadas de enfrentamentos os mais diversos, seja da polícia, seja da comunidade em geral, impondo-se como os donos de tudo: escondem-se em favelas > fazem transações > aglomeram-se, isto é, ramificam sua presença de todos os modos possíveis, contando

com ajuda de pessoas > formam bondes > e dificultam a aproximação da polícia até eles.

#### 4.3.4

##### Refutação

Costuma ser etapa da argumentação aquilo que Garcia chama de “contestação ou refutação” (1971, p. 376), costumeiramente iniciada por conjunção adversativa ou expressão de mesmo valor, que, segundo Ducrot, é “o operador argumentativo por excelência.” (“In” Koch, 2002, p. 105). Há exemplos nas redações:

<b>Afirmção</b>	<b>Operador adversativo</b>	<b>Contestação/Minimização</b>
1. “A favela, não é lugar de bandido.	Apenas	umas pessoas não tem oportunidade na vida”
1. “não tendo emprego entra pra criminal idade [...]”.	Mais	na favela existe pessoas do bem.”
2. “na zona Sul existem bandidos também,	mas	lá eles não são conciderados não como bandidos”
3. “Assim como em qualquer outro lugar, bandidos existem,	mas	é nas favelas que eles se escondem com mais facilidade”
4. “Lá na favela tem sim gente honesta,	mas	é lá também que se cria novos bandidos”
4. “Bandido também existe na zona Sul	mas	muitas vezes casos de crime com filhinhos de papai é abafado”
5. “A maioria dos bandidos procuram morar em morros [...]”.	Mas	nem sempre eles tem o morro como “casa própria”.
8. “Sei que em todos os lugares tem bandidos [...]”	mas	[...] lá sim [...] é um lugar para eles.”
10. “Realmente eu tenho de admitir que favela é lugar de bandido [...]”	mas	também não podemos deixar passa em branco que fora da favela [...] também existe bandido.”

Quadro 10 – Operador discursivo adversativo

#### 4.3.5

##### Persuasão, Empatia

Uma outra condição consiste em “ter contato positivo [...] com o outro”, o que tem desdobramento em diferente capítulo desta mesma obra de Suárez Abreu que ele denomina de “gerenciamento da relação”. Entende o autor esta questão do “contato positivo” como saber “ouvir dentro do sentimento do outro” (2000, p. 12), mesmo

imaginariamente, e isto significa procurar descobrir o que o outro quer ler para se convencer ou ser persuadido. Esta ‘audição’ se faz no sentido de mostrar empatia, palavra que vem do grego e significa sentimento. Mesmo se posicionando a favor do ‘sim’, isto é, afirmando que favela é lugar de bandido, o apelo à emoção do leitor, com o intuito de convencer, de persuadir, aflora de forma diversa nos textos das alunas e terá alcançado seu objetivo se a linguagem estiver à altura do que o interlocutor conseguir entender a partir do que está redigido: é lugar de bandido porque “muitas crianças veem a ação deles e acabam indo pelo mesmo caminho, acham bonito andar com arma na mão”. Outra garante que são as condições financeiras que fazem da favela um “lugar de bandido”: “Lá na favela tem sim gente honesta, mas é lá também que se cria novos bandidos, pois as crianças convivem com esses homens de arma na mão matando, vendendo drogas. É essa a realidade delas.” Já uma outra não faz referência às crianças diretamente: “a comunidade acaba pagando o preço, muitos inocentes morrem de balas perdidas e são assassinados sem motivos.”; “Crianças, moradoras de favelas já crescem com a imagem da violência e com o pensamento de injustiça”.

Não usamos de força para persuadir o interlocutor/leitor, afirma Suárez Abreu (2000, p. 22). Devemos usar de apelo ao sentimento, trazer para a textualidade a gentileza do trato que encanta. E isto é feito de forma sutil, mas firme, empregando palavras que seduzam, mais do que trabalhem com a razão. Acompanhemos como isto foi feito nas redações, seguindo a enumeração delas. Estão em negrito os trechos que considere persuasivos:

<p><b>5. Tese inicial</b>  “Sim”  <b>Persuasão</b>  ↓ ↓  “a comunidade <b>acaba pagando o preço</b>, muitos <b>inocentes morrem</b> de balas perdidas e <b>são assassinados sem motivo</b>”</p>
<p><b>4. Tese inicial</b>  “Devido as condições financeiras a favela é sim, lugar de bandido”  <b>Persuasão</b>  ↓ ↓  “É essa a realidade delas [das crianças]. <b>Por isso algumas crescem com o ideal de serem, chefes do morro</b>”</p>
<p><b>2. Tese inicial</b>  “Eu acredito que favela é lugar de bandido sim”  <b>Persuasão</b>  ↓ ↓  “<b>é muito difícil uma criança nascer, crescer e não se misturar</b> com esse tipo de</p>

coisa”
<b>7. Tese inicial</b>
“Sim!”
<b>Persuasão</b>
⇓ ⇓
<b>“Crianças, moradoras de favelas já crescem com a imagem da violência e com o pensamento de injustiça; fazendo com que muitas destas se tornem bandidos e marginais quando crescerem”</b>

Quadro 11 – Tese inicial + persuasão

Suárez Abreu dá destaque especial à questão da hierarquia persuasiva de valores, que ele classifica de “campo extraordinário” para gerar a argumentação. E aponta alguns “locais virtuais facilmente acessíveis”, onde podemos encontrar meios de desenvolver esta técnica. O primeiro deles é o que ele denominou de “lugar de pessoa” (2000, p. 32).

Vejamos de que modo vocábulos como “pessoa”, “gente”, “bandido”, “criança”, etc. se associam semioticamente a diversos campos semânticos do texto, enriquecendo os argumentos das redações:

<b>Pessoas em geral foram tratadas nos textos como <u>vítimas</u> de situações sociais, econômicas, culturais, etc., para formação de empatia com o leitor:</b>
1. “A favela não é lugar de bandido. Apenas umas pessoas não tem oportunidade”
1. “as vezes sem estudo. Com isso vira um bandido”
1. “não tendo em prego e outro meio [...] entra pra criminalidade vendendo drogas”
2. “muitas crianças veem a ação deles e acabam indo pelo mesmo caminho”
3. “é possível ver quem entra e quem sai [...] permitindo o controle de pessoas”
4. “Devido as condições financeiras a favela é sim, lugar de bandido”
4. “Por isso algumas [crianças] crescem com o ideal de serem, chefes do morro”
5. “a comunidade acaba pagando o preço”
6. “minorias de gente honesta [...] são obrigados a conviverem com a discriminação”
7. “favela já tem um peso pelo nome que leva e por ser habitada por pessoas pobres”
<b>Frases foram feitas em que pessoas aparecem em situação de <u>antítese</u>:</b>
1. “na favela existe pessoas do <b>bem</b> e também do <b>mal</b> .”
2. “ na favela [não] só mora <b>bandido</b> [...] moram [igualmente] <b>pessoas honestas</b> ”
10. “[há] <b>bandidos</b> [...] <b>não significa</b> [isto] <b>que só existam bandidos</b> ”
<b><u>Antíteses</u> também envolvendo bandidos:</b>

1. “**favela não é lugar de bandido. [...] bandidos vive em comunidade importantes**”
2. “na **zona Sul** existem **bandidos também**”
4. “**Bandido** também existe na **zona Sul** mas muitas vezes [...] é abafado”

Quadro 12 – Hierarquia de valores: lugar de pessoa

É rica esta exploração argumentativa nas redações, tanto pendendo para o lado da persuasão, quanto para o da empatia com o leitor, no jogo antitético que se cria entre “moradores honestos” e “bandidos, traficantes”. Palavras como “criança”, “pessoa”, “gente”, “inocentes”, “minorias”, “morador de favela”, “moradores”, “população”, “sociedade” foram empregadas ao todo 33 vezes nas dez redações analisadas. Em campo semântico oposto, “bandido(s)”, “polícia”, “playboy(s)”, “filhinho(s) de papai”, “delinquentes”, “marginal”, “quartéis”, “traficantes”, “vendedores” foram 63. O tema forçosamente provocaria o emprego de palavras de conotação negativa, como é o caso de “bandido”, empregada 47 vezes, inclusive encerrando algum texto. Porém, isto só reforça o conjunto semântico de todas as redações. Mesmo afirmando categoricamente que favela é lugar de bandido, a aluna autora não se põe a favor disto, não comunga com tal fato; ao contrário, em todas assim há um lamento por isto ocorrer, agravado por envolver crianças que acabam nutrindo o tráfico futuro. É a linguagem funcionando em um fluxo de eventos, tendo como meta a criação plural da argumentabilidade, através de antíteses, de assertivas, de negações, de refutações, de dados estatísticos, só para mencionar alguns exemplos, indo na direção da formação da textualidade imprescindível para a troca obrigatória que se estabelece, no caso das redações, entre o escritor e o leitor: “um texto é assim uma unidade de sentido – mais precisamente, uma unidade no fluxo de sentidos que sempre estão acontecendo no polo instanciante da rede de trocas da instanciação” (Halliday & Matthiessen, 2004: 587).

#### 4.3.6

##### Paralelo

O paralelo enriquece o texto dissertativo, pois o leitor é levado a se convencer de forma mais decisiva, uma vez que a força desse convencimento vem de dois lados: “dois acontecimentos sucessivos por meio de um vínculo causal.” Suárez Abreu, 2000,

p. 16). Vejamos como isto ocorreu nos textos das alunas (os números são os das redações):

<b>Fato 1</b>	<b>Fato 2</b>
<b>⇐ entre eles uma relação de causa ⇒</b>	
1. “o tiroteio causa pânico”	1. “todos vivem com medo e até passam [a] ajudar escondendo armas”
2. “Eu acredito que favela é lugar de bandido sim	2. “muitas crianças veem a ação deles e acabam indo pelo mesmo caminho”
3. “a favela é um labirinto”	3. “é possível [ao traficante] ver quem entra e quem sai”
4. “a favela é sim, lugar de bandido”	4. “se a polícia está a procura de um bandido ela entra na favela.”
5. “Sim”	5. “eles procuram morar em favelas [os bandidos]”
10. “as favelas são comunidades pobres”	10. “lá estão a maioria dos bandidos”
10. “as favelas são comunidades pobres”	10. “não tem condições de sustentar-se em um lugar melhor”
10. “eu tenho que admitir que favela é lugar de bandido”	10. “a pessoa só rouba, trafica, mata ou etc.”

Quadro 13 – Argumento pragmático: entre eles relação de causa e efeito

O vínculo criado amarra o conjunto semiótico e conduz ao convencimento o leitor, a quem parece, desta forma, não restar nada, senão concordar com a autora do texto.

#### 4.3.7

#### Conclusão Pontual

A conclusão, de acordo com Garcia, costuma ser feita através de “partículas típicas [...] “logo”, “portanto”, “por consequência” e, até mesmo, “de forma que” (1971, p. 377). Há um exemplo com o operador conclusivo “então”, na redação 10: “Realmente eu tenho de admitir que favela é lugar de bandido, pois a pessoa só rouba, trafica, mata ou etc., [...] então o lugar que a pessoa mora [...] influência (=influencia) no que ela faz.” Outra, de número 7, com “por isso”, já ao final do texto: “Acontece que muitos deles acreditam em um futuro que sempre acabará com um final triste, ou morte ou cadeia. Por isso as pessoas têm um pensamento ruim sobre moradores de favelas”.

A maioria preferiu dar por encerrada a redação no momento em que a sucessão de fatos argumentadores passou a ser de quantidade e peso suficientes, como é o caso da redação de número 1. O encerramento se deu através de um desfecho resumitivo da

razão de favela não ser lugar de bandido, mas há nela – não há como negar isto - uma ‘escola’ de bandidagem, pois as crianças admiram e vão vivendo o que têm para admirar, que é exatamente esta tal bandidagem. Outra, a 8, se armou a partir de uma estrutura declaradamente subjetiva. Começa ela assim: “Eu acredito que favela é lugar de bandido” e vai apresentando argumentos do porquê pensar deste modo. Conclui, com um contraponto: “Sei que em todos os lugares tem bandidos, não só na favela, mais quando falamos a palavra favela, lembramos sempre de bandido”. E dá o desfecho de seu ponto de vista: “lá sim na minha opinião é um lugar para eles”, deixando sublinhadas estas duas palavras.

Houve redação em que o desfecho se deu voltando a autora à primeira frase - “favela é lugar de bandido” -, como que fechando o círculo semiótico: 2, 5 e 8. Algo parecido ocorreu, em outra redação, a 5, com o emprego de “daí” ao final, que pode ser entendido como ‘a raiz’ da opinião sobre o fato de favela ser sem dúvida lugar de bandido: “Daí a expressão “Favela é lugar de bandido”, isto é, das brigas entre bandidos, entre eles e a polícia, das invasões de morros, etc., o que a torna “sim um lugar perigoso.”

Para concluir esta parte, deve ser ressaltado que os elementos escolhidos para que através deles pudéssemos descobrir situações de argumentabilidade variada nos textos alcançaram êxito, pois houve resposta deles em todos os textos, chamando atenção o item em que aparecem dados estatísticos e também os da refutação, neste com total de 9 amostras, que considerei mais que os outros, porque se trabalha com ideias contrárias, e entendo que isto exige esforço duplo, já que a direção que se toma é também dupla.

Para provocar o debate em torno desta questão de o texto do EM não ser um grande texto, trago para cá o que Koch afirma, parafraseando Lakoff: “que não se pode admitir que seja possível falar de boa ou má formação de uma frase de modo isolado, sem levar em conta todas as pressuposições sobre a natureza do mundo.” (2002, p. 53). Estas redações podem ser trampolim para novos textos, aperfeiçoados no todo de sua escrita, aqui englobada a parte da cognição de mundo, de si (nesta ordem, segundo Bakhtin: o signo primeiro vai ao mundo e depois se interioriza no homem, refletindo e refratando) (1979, p. 18, *passim*) que este jovem vai tendo. Não são de forma alguma fim em si mesmas, não acabam no ponto final, fazendo o professor, em atitude tradicional, uma soma de erros ao nível das orações. Elas são, isto sim, língua em uso, acontecendo em uma dentre tantas outras modalidades de enunciação, em caráter especial, que é o de serem instanciação textual reflexiva de uma sala-de-aula, que seu

autor faz de si, do outro, seu interlocutor imediato ou não, da própria linguagem metalingüística e semioticamente. O professor precisa tomar delas e, junto ao aluno, trabalhar sua tessitura, melhorando-a aqui e ali, tanto na pontuação, na ortografia, nos sintagmas em geral, quanto nas discussões que tomaram como suas bases de ideias, defendidas, desenvolvidas.

As redações de minhas alunas não são, em sua maioria, textos agradáveis de se ler, mas são textos. E eu, professor de Português. Estas duas verdades têm obrigação de se entender. Isto não ocorrendo, deixo de ser o professor que devo ser, mas os textos continuam sendo o que sempre foram e serão.

#### 4.4

#### Segunda unidade de análise: Processos Verbais

Halliday & Matthiessen, no capítulo “Clause as representation”, abrem uma sessão, cujo título é: “Moldando experiência de troca” (2004, p. 168). O ato de ‘moldar’ cabe ao Ator que pratica ação. Halliday usa, em um mesmo campo semântico deste *modelling*, palavras como: *figure, configuration of a process, construing the outer experience, the world of experience, etc.*, todas ligadas à idéia de molde, de recorte. O verbo, então, segundo o lingüista australiano, faz um molde, um recorte de nossa experiência. Mas, não uma experiência estática, mas uma que muda, modelando nossa vida. O verbo, no outro lado da moeda semântica, não apenas molda – o que seria, digamos, o lado número 1 – mas também joga na frase a troca, a mudança de ou em direção a alguma coisa que está em jogo – é o lado 2 desta moeda.

E a frase é um construto fonético, que se organiza em sintonia com estruturas semânticas, concomitantes às escolhas léxico-gramaticais, a fim de que se forme o sentido, em outras palavras, o texto, a partir de uma situação, de um contexto. A frase, então, é um produto final de origem sistêmico-funcional: sistêmico uma vez que entende que a gramática de uma língua consiste em um potencial sistema de escolhas; e funcional porque sua validade está relacionada ao uso e deste modo sempre está pronta a se revalidar de acordo com o significado a ser criado.

O momento em que acontece o texto é chamado por Halliday de instanciação, que poderá ocorrer sempre que for necessário, porque há um manancial que podemos chamar de *meaning-making resource*, que quer dizer, fonte de fazer sentido, a ser usado pelo falante/escritor. Esta fonte inesgotável existe para fazer o “sentido de nossa

experiência” e “a reprodução de nossas relações sociais” (2004, p. 114), e usa a oração como “transporte” de sua expressão. Ela, a oração, deste modo, pode ser estudada como mensagem, ou seja, uma apresentação de algo que esteja acontecendo no mundo dos fenômenos humanos, em que se aponta um participante.

Este estudo repete o mesmo caminho em todas as redações: pinço os processos e busco o tipo de evento, de aspecto da experiência que as alunas procuraram representar para nós leitores às custas da escolha léxico-gramatical feita no tocante a verbos.

São seis os tipos de processos verbais que Halliday nos apresenta (2004, p. 172). São chamados de processos porque se desdobram no tempo, contam com participantes e às vezes adicionam circunstâncias, que podem ser de tempo, lugar, causa, etc. São, agora dando-lhes nomes e apresentando-os de forma um pouco mais ampla do que foi feito anteriormente: materiais, quando se trata de processos que envolvem fazer alguma coisa e/ou acontecer algo. O falante emprega verbos através dos quais fica claro que o mundo da significação é revelador de atos praticados ou de acontecimentos sucedidos. Os processos materiais também podem estar ligados a mudanças, pois existe o que Halliday chama de “*input* de energia” (2004, p. 179). Uma energia altera o quadro do sentido que vai se alinhando paulatinamente, quando são usados processos materiais transformativos do tipo “derreter”, “ligar”, “devolver”, etc.

Mentais, quando a experiência que vivemos é do mundo de nossa consciência. É o que sentimos que conta. Tais verbos representam o que Halliday denominou como “estado de nossas pertinências” (2004, p. 197), característicos dos humanos.

Relacionais, estabelecendo-se relações atributivas ou identificadoras dos membros de uma determinada classe. Caracterizamos e identificamos o que queremos para o sentido do que dizemos ou escrevemos. Diferentemente dos processos materiais, os relacionais não recebem *input* de energia, o fluir do processo não se caracteriza por um princípio e um fim. É estático no espaço, como também na posse.

Processos comportamentais e verbais apresentam-se como fronteiriços entre outros processos. Assim, os comportamentais encontram-se entre os materiais e mentais, já que envolvemos nosso corpo, nossa mente em alguma atitude, ação; verbais, por representarem a exteriorização a fala, eminentemente simbólica (processo relacional), que ao mesmo tempo provém da mente, incansável produtora de linguagem; e existenciais, quando dizem respeito a algo que existe ou acontece.

As orações dos textos das alunas de onde foram extraídos os verbos nos mostrarão uma configuração. Essa con-figuração, com o prefixo ‘con-’ escrito desta forma, não

significa que nós, leitores, tenhamos a mesma interpretação que elas, as alunas, tenham. Isto até pode acontecer, mas, este ‘con-‘ quer dizer “mais uma montagem de figurações”, ou de significados, ou melhor ainda, de “figurativizações” que ocorrem na mente delas, formando um quantum de figuras que compõem o “fluxo dos eventos” (Halliday & Matthiessen, 2004, p. 169) próprio da experiência e originário da individualidade de cada aluna. E esses fatos fluindo e formando nossas falas são a representação lingüística do que acontece; do que se faz; do que se sente; do que se diz; do que se é ou nos pertence.

A linguagem, então, é responsável por construir a experiência. E a construímos não por casualidade, mas com uma intenção ou função.

Se a escola é tímida, apresentando um discurso vertical, vindo de cima, de valores marcadamente alheios à sala de aula, e dá por definido seu jogo de linguagens assim, vai formar jovens para serem meras torres repetidoras de mensagens loquazes de outros. Formará vidas sem o seu sentido, mas com o sentido dos outros. Convém enfatizar Halliday, que diz que a linguagem nos permite construir “o sentido de nossa experiência” (2004, p. 29).

É um gesto íntimo de cada um. É momento de criação infinda esse fazer sentido da experiência. Analisar a oração como representação, como mensagem ou troca, significa querer entender de que forma as alunas lidam com a instanciação em que criam o sentido. Que componentes se fazem presentes nessa hora e que são a base de representação de mundo e que têm de usar em um texto escrito de sua autoria e em que têm de convencer um leitor de que favela é ou não lugar de bandido.

Isto é extremamente estimulante àquele que, como eu, quer entender um pouco mais da visão de mundo de adolescentes do EM. Na verdade, de um grupo de adolescentes.

A pergunta se favela é lugar de bandido inclui um processo relacional que liga favela e bandido. Para se responder a tal pergunta, será que há um tipo de processo que melhor consiga fazer isto?

Tudo nos leva a crer que os verbos ligados aos processos materiais desempenharão papel decisivo no desenrolar e desfecho do texto, pois trarão às cenas deste texto a vida concreta dos moradores de lá: cortar, bater, lavar, sujar, correr, arrumar, erguer, construir, trabalhar, distribuir, pintar, demolir, transitar, funcionar, partilhar, misturar, cozinhar, limpar, rezar, comer, defender, estudar, atirar, descobrir, etc.

Todavia, se esta pergunta for respondida e desenvolvida, formando-se novos processos relacionais, ficando o texto mais ou menos assim: ‘Favela não é lugar de bandido porque favela nunca foi/virou/ficou/se tornou isto, haja vista a história de sua formação’; ou: ‘Favela é lugar de bandido sim, pois ela acabou virando/se tornando/ficando esse tipo de lugar’, criar-se-ão certezas no texto, enriquecendo-se, conseqüentemente, a linha de argumentos. As duas opções equivalem a tantas outras que poderiam ser feitas e que certamente não divergiriam das apresentadas aqui.

Naturalmente que o todo argumentativo de um texto destes requer pluralidade e diversidade de emprego de processos verbais. A expectativa do leitor, tratando-se de tema tão polêmico e de pergunta tão mexedora, nos leva a crer que se saciará se nos ativermos a argumentos ligados a verbos que criem situações argumentativas tais e de persuasão tal, que o leitor acabe aceitando o ponto de vista da autora e compactue com ele.

A resposta ‘sim’ ou ‘não’ é o primeiro posicionamento da aluna frente à indagação feita. Em um mergulho mais profundo nos textos, interessa a esta dissertação mais que este ‘sim’ ou ‘não’: mostrar os processos verbais empregados em cada redação. Não para afirmar, ao final, que esta ou aquela garante para si maior ou menor sucesso como texto. Ou ainda que, tendo apresentado maior quantidade de processo, por exemplo, material, seu poder de convencimento terá aumentado. Mas como proposta ao professor de Português para que leia tais ensaios buscando ver neles acima de tudo os arranjos semióticos que as alunas fazem, procurando convencer o leitor com eles. É uma forma de valorizar os textos a partir do que acontece linguisticamente neles como texto, como instrumento de comunicação.

Vejamos quadros com percentagem dos processos. Na redação 1, a predominância é de processos relacionais:

Processos relacionais	
“favela não é lugar de bandido”	“grande violência é o tiroteio”
“umas pessoas não têm oportunidade”	“as crianças <b>vivem passando</b> por isto”
“Com isso <b>vira</b> um bandido”	“[elas] <b>acabam se tornando</b> um bandido”
“não <b>tendo</b> emprego”	“[as crianças] <b>vive</b> o que tem”
“ <b>entra</b> pra criminal idade”	“todos <b>vivem</b> com medo”
<b>Total de verbos em todo o texto: 22</b>	

<b>Processos relacionais: 45,45 %</b>
---------------------------------------

Quadro 14 – Processos relacionais - redação 1

Na redação 2, dominam processos materiais:

<b>Processos materiais</b>	
“os bandidos por <b>serem criados</b> lá dentro”	“[uma criança] <b>crescer</b> ”
“ <b>andar</b> com arma na mão”	“[uma criança] não se <b>misturar</b> com esse tipo”
“crianças pequenas já <b>usam</b> drogas”	“eles [as crianças] <b>convivem</b> com isto 24 horas”
“na favela só <b>mora</b> bandido”	“pessoas se <b>drogando</b> ”
“ <b>moram</b> muitas pessoas honestas”	“bandido <b>trocando</b> tiro com a polícia”
“uma criança <b>nascer</b> ”	
<b>Total de verbos em todo o texto: 25</b>	
<b>Processos materiais representam 44%</b>	

Quadro 15 – Processos materiais - redação 2

Na redação 3, processos diversos ocupam lugar de destaque na tessitura do texto:

<b>Processos relacionais</b>	
“ <b>é</b> nas favelas [que eles se escondem]”	“Esses <b>são</b> alguns [um ponto principal]”
“favela <b>é</b> um labirinto”	“favelas <b>acabam se tornando</b> quartéis”
“ <b>é</b> possível o acesso”	“Isso <b>faz com que</b> cresça”
“ <b>é</b> possível ver”	
<b>Processos mentais</b>	
“ <b>Consideremos</b> a ideia”	“ <b>me atrevo</b> a dizer”
“[ <b>é</b> possível] <b>ver</b> [quem entra e quem sai]”	“esses delinquentes não <b>queiram abandonar</b> ”
“ <b>permitindo</b> o controle de pessoas ‘estranhas’”	
<b>Processos materiais</b>	
“eles <b>se escondem</b> ”	“e quem <b>sai</b> da favela”
“quem <b>entra</b> ”	“ <b>cresça</b> assustadoramente o número”
<b>Total de verbos em todo o texto: 17</b>	

<b>Processos relacionais somam 41,17 %</b>
<b>Processos mentais somam 29,41 %</b>
<b>Processos materiais somam 23,52 %</b>

Quadro 16 – Diversos processos - redação 3

Na redação 4, o domínio foi de processos materiais, referente a mais da metade dos verbos ocorrentes no texto:

<b>Processos materiais</b>	
“se a polícia <b>está à procura de</b> um bandido”	“ <b>vendendo</b> drogas”
“ela <b>entra</b> na favela”	“algumas <b>crecem</b> com o ideal”
“lá também se <b>cria</b> novos bandidos”	“casos de crime <b>é abafado</b> ”
“as crianças <b>convivem</b> com esses homens”	“nem sequer <b>passam</b> uma noite na cadeia”
“ <b>matando</b> ”	
<b>Total de verbos em todo o texto: 17</b>	
<b>Processos materiais representam 52,94%</b>	

Quadro 17 – Processos materiais - redação 4

Na redação 5, processos materiais, porém os mentais e relacionais chamam a atenção pela quantidade.

<b>Processos materiais</b>	
“ <b>vender</b> maconha”	“[vence] quem <b>viver</b> ”
“quando <b>forem roubar</b> ”	“a comunidade <b>acaba pagando</b> o preço”
“eles se <b>escondem</b> nas favelas”	“muitos inocentes <b>morrem</b> de bala perdida”
“é lá que eles se <b>aglomeram</b> ”	“e <b>são assassinados</b> sem motivos”
“e <b>formam</b> seus bondes”	“ <b>vence</b> [quem viver]”
<b>Processos mentais</b>	
“eles <b>procuram morar</b> em favelas”	“ <b>fazendo com que</b> [aconteça uma guerra]”
“para <b>poderem se esconder</b> ”	“[a favela] <b>acaba sendo vista</b> com maus olhos”
“ [para <b>poderem</b> ] <b>fazer</b> suas transações”	“nem sempre <b>tem</b> o morro <b>como</b> “casa própria”
“A maioria [...] <b>procuram morar</b> em morros”	

Processos relacionais	
“é lá [que eles se aglomeram]”	“Favela é lugar de bandido”
“fazendo com que o acesso se <b>torne</b> difícil”	“ <b>Tornando</b> -a sim um lugar perigoso”
“É constante essa briga”	
<b>Total de verbos em todo o texto: 29</b>	
<b>Processos mentais somam 24,13%</b>	
<b>Processos materiais somam 34,48%</b>	
<b>Processos relacionais somam 17,24%</b>	

Quadro 18 – Diversos processos - redação 5

Na redação 6, processos diversificados vão montando a linha argumentativa da autora. Vai encerrando suas ideias sobre bandidos e favela através de uma indagação via processo material: “[Quer] Procurar bandido [?], vai na favela [...]”.

Processos materiais	
“[pessoas humildes] são obrigadas a <b>conviverem</b> com a discriminação”	“Na favela <b>mora</b> aqueles que são automaticamente excluídos”
“ <b>Procurar</b> bandido, <b>vai</b> na favela que <b>encontrará</b> ”	
Processos relacionais	
“Favela é lugar de bandido”	“Favela <b>possui</b> a maior concentração de gente que <b>é</b> imoral.”
“embora todo lugar <b>tenha</b> bandido”	“por suas condições <b>são obrigados</b> a conviverem com a discriminação”
“Na favela mora aqueles que <b>são</b> automaticamente <b>excluídos</b> e <b>discriminados</b> pela sociedade.”	
<b>Total de verbos em todo o texto: 15</b>	
<b>Processos materiais somam 20%</b>	
<b>Processos relacionais somam 40%</b>	

Quadro 19 – Diversos processos - redação 6

Na redação 7, predominam os processos materiais, seguidos dos mentais e relacionais:

Processos materiais	
“a favela já tem um peso pelo nome que	“um futuro que sempre <b>acabará</b> com

leva e por <b>ser habitada</b> por pessoas pobres”	um final triste, ou morte ou cadeia”
“bandidos que <b>roubam</b> as grandes cidades e <b>moram</b> na favela	“quem quiser encontrar bandidos, poderão <b>ir</b> diretamente nas favelas que <b>encontrarão</b> eles lá.”
“Crianças [...] já <b>crecem</b> com a imagem da violência”	“fazendo com que muitas destas se tornem bandidos [...] quando <b>crecerem</b> ”
“pensam que teram (= terão) mais futuro <b>seguindo</b> a vida do crime”	
<b>Processos mentais</b>	
“ <b>Pensam</b> que teram (= terão) mais futuro seguindo a vida do crime”	“Por isso as pessoas <b>têm um pensamento</b> ruim sobre moradores de favelas”
“muitos deles <b>acreditam</b> em um futuro que sempre acabará com um final triste”	“quem <b>quiser encontrar</b> bandidos, poderão ir diretamente nas favelas”
<b>Processos relacionais</b>	
“a favela já <b>tem</b> um peso pelo nome que leva”	“fazendo com que muitas delas se <b>tornem</b> bandidos”
“ <b>É</b> um lugar onde a violência <b>rola</b> solta”	“Pensam que <b>teram</b> (= terão) mais futuro <b>seguindo</b> a vida do crime”
“A falta de oportunidades [...] <b>faz com que</b> as pessoas se revoltam.”	“a favela já tem um peso pelo nome que <b>leva</b> ”
<b>Total de verbos em todo o texto: 24</b>	
<b>Processos materiais somam 37,5 %</b>	
<b>Processos mentais somam 16,66 %</b>	
<b>Processos relacionais somam 29,16 %</b>	

Quadro 20 – Diversos processos - redação 7

Predomínio de processos mentais, seguidos dos materiais, é o que ocorre na redação 8:

<b>Processos mentais</b>	
“Eu <b>acredito</b> que favela é lugar de bandido”	“e até <b>pensam</b> em ser como eles um dia”
“Eu <b>sei</b> que tem muita gente que mora na favela e não são bandidos”	“eles <b>ficam no pensamento</b> que ali é o lugar dele”
“mas eu <b>acredito</b> que todos os bandidos procuram a favela para ficar”	“Eu também <b>acredito</b> que [...] play boys [...] quando <b>querem fumar, comprar</b> a sua maconha”
“e são uma das causas que <b>fazem</b> ele ir até lá”	“ <b>Sei</b> que em todos os lugares tem bandidos”

“[crianças] que até <b>admiram</b> os bandidos”	“quando falamos a palavra favela, <b>lembramos</b> sempre de bandido”
<b>Processos materiais</b>	
“muita gente [...] <b>mora</b> na favela”	5. “Sem crianças que <b>crecem</b> no meio dessa violência”
“ <b>estão</b> lá por [...] falta de opção”	6. “é por eles que <b>estão crescendo</b> no meio disso tudo”
“todos os bandidos <b>precuram</b> a favela para <b>ficar</b> ”	“quando querem comprar sua maconha <b>vão</b> até a favela para <b>comprar</b> , porque lá <b>ficam</b> os vendedores.”
“são uma das causas que fazem ele <b>ir</b> até lá <b>achar</b> o seu lugar”	
<b>Processos relacionais</b>	
“favela <b>é</b> lugar de bandido.”	“ali <b>é</b> o lugar dele, no crime”
“muita gente [...] não <b>são</b> bandidos”	“ali sim <b>é</b> lugar de bandido”
“precuram a favela [...] 1º por <b>ser</b> uma comunidade de gente pobre”	“lá sim [...] <b>é</b> um lugar para eles”
“ [o fato de procurarem a favela] <b>são</b> uma das causas que fazem ele [os bandidos] ir até lá achar o seu lugar	
<b>Total de verbos em todo o texto: 35</b>	
<b>Processos materiais somam 31,42 %</b>	
<b>Processos mentais somam 34,28 % %</b>	
<b>Processos relacionais somam 20 %</b>	

Quadro 21 - Diversos processos - redação 8

Na redação 9, os processos são variados. A autora principia relacionando favela a bandido e, em seguida, afirma que nós, leitores, somos como ela, ou seja, também pensamos em favela e bandido. Garantem isto ações materiais diversas que formam o campo de sentidos sustentador dessa junção das duas palavras: montar, promover, esconder, dentre outros:

<b>Processos relacionais</b>	
“favela <b>é</b> lugar de bandido”	“a mídia em geral não <b>tem</b> motivo para falar bem das favelas”
“[favela] <b>é</b> o local onde o marginal mora”	“ela não <b>tem</b> muitas coisas boas para serem ditas”
“os bandidos mais conhecidos <b>são</b> os das grandes favelas”	
<b>Processos materiais</b>	
“é o local onde o marginal <b>mora</b> ”	“[onde ele] <b>promove</b> os chamados bailes de favela”

“[onde ele] <b>monta</b> seu ponto de venda de drogas”	“[onde ele] <b>esconde</b> os produtos roubados”
<b>Processos mentais</b>	
“Todos nós quando <b>pensamos</b> em bandido <b>lembramos</b> logo das favelas”	“em todos os lados ela [a favela] <b>é vista</b> com preconceito”
<b>Total de verbos em todo o texto: 14</b>	
<b>Processos materiais somam 28,57 %</b>	
<b>Processos relacionais somam 35,71 %</b>	
<b>Processos mentais somam 21,42 %</b>	

Quadro 22 - Diversos processos - redação 9

A última redação, a 10, premia os processos materiais, mas eles concorrem em número com os relacionais. Vejamos o quadro como fica:

<b>Processos materiais</b>	
“Geralmente os bandidos <b>encontram-se residindo</b> em favelas”	“quando já <b>conviveu</b> com aquilo”
“não tem condições de <b>sustentar-se</b> ”	“o lugar que a pessoa <b>mora</b> ”
“a pessoa só <b>rouba, trafica, mata</b> ou etc.”	“influência (= influencia) muito no que ela <b>faz</b> ”
<b>Processos relacionais</b>	
“as favelas <b>são</b> comunidades pobres”	“favela <b>é</b> lugar de bandido”
“[os bandidos] não <b>tem</b> condições de sustentar-se em um lugar melhor”	“aprendeu aquilo desde que <b>era</b> criança”
“se <b>tivesse</b> [condições de se sustentar-se em lugar melhor] não <b>teria</b> a necessidade de <b>ser</b> “bandido”.	“ [nas favelas] <b>estão</b> a maioria dos bandidos”
<b>Processos mentais</b>	
“isso não <b>significa</b> [...] que só existam bandidos em favelas”	“quando já conviveu com aquilo [roubar, traficar, etc.] ou <b>aprendeu</b> aquilo”
“Realmente eu <b>tenho que admitir</b> que favela é lugar de bandido”	
<b>Total de verbos em todo o texto: 24</b>	
<b>Processos relacionais somam 33,33 %</b>	
<b>Processos materiais somam 33,33 %</b>	
<b>Processos mentais somam 8,33 %</b>	

Quadro 23 - Diversos processos - redação 10

Os dados estatísticos apresentados indicam a preferência da aluna por certo tipo de processo que foi usado como instrumento de convencimento do leitor quanto ao fato de favela ser ou não terra de bandidos.

Este tema levou as alunas escritoras a três campos semióticos: universo dos processos materiais, tais como: ser criado, andar, usar, morar, nascer, crescer, misturar-se, conviver, drogar-se, trocar, esconder-se, entrar, sair, vender, ser abafado, estar à procura de, acabar pagando, ser assassinado, dentre outros. Universo dos processos relacionais, os mais freqüentes “ser” e “ter”. E, finalmente, os processos mentais, como, por exemplo: considerar, atrever-se, querer, permitir, ver, fazer com que, procurar (morar), poder, acreditar, ter um pensamento, pensar, ficar no pensamento, admirar, etc.

Creio que predominaram os processos materiais porque o assunto “favela” está presente na vida destas alunas de uma forma intensa, certamente em frequentes cogitações acerca de sua valia para suas vidas e das pessoas com quem se relacionam no ambiente da escola, da vila em que moram, da igreja a que vão nos fins de semana.

Foram orientadas a redigir um texto em que demonstrariam sua opinião e nisto deveriam procurar convencer, persuadir seu leitor. Poderiam apelar tanto à razão, quanto ao sentimento. Predominam os processos materiais e, em seguida, os relacionais. Creio que são os mais fáceis de serem empregados, por se ligarem ao mundo dos fatos, das coisas vistas, das relações feitas todos os dias entre um mundo e outro, entre uma coisa e outra, entre uma pessoa e outra. Os processos mentais, preferidos na persuasão, isto é, preferidos para atingir o coração do leitor, exigem alguma elaboração de juízo, de sentimentalidade, e as alunas, de acordo com os 14,86% mencionados acima, não se mostraram preparadas para isto. Ainda se prendem ao mundo dos fenômenos externos a elas, deixando de lado o próprio poder que têm de persuadir, contando com suas potencialidades de linguagem para tal.

Redigir um texto em que predominarão processos materiais e relacionais não significa que o aluno redige mal. Contudo, tratando-se de texto em que o leitor tem de sair convencido da opinião daquele que o redige, a mente não pode ser deixada de lado. Ela é a morada da persuasão.

Se quase não há processos ligados a argumentos persuasivos em um texto destinado a fazer o leitor mudar de opinião ou aprofundar a que já tem sobre favela, isto, no meu entender, significa que as alunas não sabem ainda argumentar através das emoções, não se atêm ao raciocínio elaborativo de passos com o claro intuito de fazer com que a meta persuasão seja atingida.

Quando Bakhtin afirma que a palavra é o “meio da consciência individual”, chamando-a de “material semiótico da vida interior, da consciência” (1979, p. 23), como professor preocupa-me o quanto as alunas de fato conseguem despertar em si a consciência que lhes pertence. Isto significa fazer brotar uma ciência de comum acordo com a ciência de suas alteridades. Repito aqui a afirmação de Freire: “... a consciência do mundo [...] inviabiliza a imutabilidade do mundo.” (2000, p. 19). Os conscientes mudam as coisas, mexem nas estruturas, convidam os acomodados para o debate incessante.

Não que o domínio dos processos materiais e relacionais me levem a concluir que elas não estejam sabendo analisar, elaborar e inferir. Mas, que, de certo modo, preferem o mundo das coisas tangenciáveis, aquelas que podem ver e com as quais podem estabelecer relações, através do emprego de “ser” e “ter”, para fazer referência a apenas dois tipos de verbos freqüentes nos processos relacionais. São alunas que em breve serão professoras das séries iniciais de alguma escola. Isto preocupa. De acordo com Fiorin & Savioli, não temos a missão de narrar a história, mesmo como professores, mas nossos textos têm de revelar “os ideais e as concepções de um grupo social numa determinada época.” (2008, p. 17).

Na alteridade de que fala Coseriu, os falantes são sujeitos da linguagem e isto tem a ver com a “consciência criadora de linguagem” (1987, p. 29) que é inclusiva sempre, aberta que se acha para outras linguagens com que intercambiam as semioses múltiplas inerentes. Uma professora tem de ter a prática da linguagem como um de seus mais valiosos instrumentos de trabalho. Não é apenas o mundo material ou relacional com que terá de lidar, mas também com o mental, o mundo dos fatos mentalizados, o que significa que são passíveis de serem pensados, sentidos emocionalmente e até desejados (Halliday & Matthiessen, 2004, p. 204).

## 4.5

### **Terceira unidade de análise: Coesão**

Um enunciado pode ter coerência, não ter coesão. É comum isto em redações de EM.

A coesão é mundo semiótico em ininterrupto processo de ativação do sentido, usando os signos, os quais, segundo Pignatari, e de olho em seu suposto radical (“Pelo menos hipoteticamente, a palavra signo, através do latim *signum*, vem do étimo grego

*secnom*, raiz do verbo “cortar”, “extrair uma parte de”), parecem “indicar [...] algo [que se refere] a uma coisa maior da qual foi extraído”. Então, a semiose dos textos é essa procura, por meios léxico-gramaticais de frase, da outra parte que se separou e que parece ter transformado tudo em uma grande metonímia ou sinédoque, como em um jogo de quebra-cabeça (1973, p. 25/26).

Os estudos de progressão textual são bem mais amplos do que os que mostro aqui com base nas redações das alunas normalistas, apoiado em Fávero (2006).

Poderia tê-los escolhido a partir de entendimento diferenciado da forma como trabalharia esta categoria: seguindo o que Fávero apresenta em seu livro sobre coesão e procurando fazer o levantamento do que encontraria, ou selecionando eu mesmo elementos coesivos que costumam ocorrer neste tipo de texto e, assim, com a ajuda deles, mostrar que de fato há uma outra leitura que se pode fazer das redações, pois elas têm mais valor do que a leitura apressada e superficial pode mostrar. Optei por esta última alternativa.

Passo agora a mostrar a análise que fiz das redações a partir destes itens coesivos. É sempre recomendável que se diga que todo texto tem seu valor e precisa ser visto não apenas a partir de seu lado formal, estrutural, mas, principalmente, a partir de seu funcionamento como instrumento social, em que se firmam sentidos plurais, não apenas do texto em si, tornado obra pronta, mas de seus interlocutores e seus contextos de vida.

#### 4.5.1

##### Substituição

É processo referencial mais comum nestas redações e se mostra de forma diversificada, ora por pro-forma pronominal, ora por pro-forma adverbial (Fávero, 2006, p. 19). Os números são das redações:

Componente do texto	Item referencial
1. “umas pessoas <b>não tem oportunidade</b> ”	“com <b>isso</b> vira um bandido”
1. “uma grande violência [...] é o <b>tiroteio que causa pânico</b> ”	“e vendo <b>isso</b> ”
1. “e as crianças <b>vivenciando drogas</b> ”	“as crianças vivem passando por <b>isso</b> ”;
1. “Admirando vivem o	<b>que tem</b> ”

2. “Eu acredito que <b>favela</b> é lugar de bandido sim”	“porque os bandidos por serem criados <b>lá dentro</b> ”
2. “ <b>bandido trocando tiro com a polícia</b> só acontece em favela”	“por <b>isso</b> que eu concordo que favela é lugar de bandido”
3. “para que esses delinqüentes não <b>queiram abandonar as favelas</b> ”	“ <b>Isso</b> faz com que cresça [...] o número de bandidos nas favelas”
4. “ <b>homens de arma na mão, matando, vendendo drogas</b> ”	“É <b>essa</b> a realidade delas” [das crianças]
7. “É um lugar onde a <b>violência rola solta, tiroteios, bandidos que roubam</b> ”	“ <b>Isso tudo</b> coopera para a má fama das favelas”
7. “muitos deles acreditam em um futuro que sempre acabará com um <b>final triste, ou morte ou cadeia</b> ”	“Por <b>isso</b> as pessoas têm um pensamento ruim sobre moradores de favelas”
8. “quando falamos a palavra <b>favela</b> , lembramos sempre de <b>bandido</b> ”	“e <b>lá</b> sim [...] é lugar para <b>eles</b> .”

Quadro 24 – Coesão referencial

#### 4.5.2

#### Reiteração

“É a repetição de expressões no texto”, garante Fávero (2006, p. 23). Temos os seguintes exemplos:

A expressão	Sua repetição no texto
1. “A <b>favela</b> não é lugar de bandido”	“Mais na <b>favela</b> existe pessoas de bem”
6. “Favela é <b>lugar</b> de <b>bandido</b> ”	“embora todo <b>lugar</b> tenha <b>bandido</b> .”
7. “bandidos que roubam as grandes cidades e moram na <b>favela</b> .”	“Isso tudo coopera para a má fama das <b>favelas</b> .”
8. “ali é o <b>lugar</b> dele”	“ali sim é <b>lugar</b> de bandido”
8. “quando querem [...] <b>comprar</b> sua maconha”	“vão até a favela para <b>comprar</b> ”
9. “ <b>Favela</b> tema discutido em todas as regiões”	“ <b>favela</b> é lugar de bandido.”
9. “a mídia em geral não <b>tem</b> motivo para falar bem das favelas”	“até porque ela não <b>tem</b> muitas coisas boas”
10. “Geralmente os <b>bandidos</b> encontram-se residindo <b>em favelas</b> ”	“mas isso não significa [...] que só existam <b>bandidos em favelas</b> ”
10. “quando já conviveu com <b>aquilo</b> ”	“ou aprendeu <b>aquilo</b> ”
10. “o lugar que a pessoa mora ou o que <b>ela</b> vê todos os dias”	“influência (= influencia) muito no que <b>ela</b> faz”

Quadro 25 – Coesão por reiteração lexical

Não vejo tais repetições sempre como reforço argumentativo. Algumas vezes entendo que sejam influência da língua oral. Comparando a frase da redação 6, “Favela é **lugar de bandido** embora todo **lugar** tenha **bandido**” a esta da 10, “quando já conviveu com **aquilo** ou aprendeu **aquilo**”, percebe-se que nesta última a repetição parece ter sido provocada pela língua oral, em que repetições lexicais são muito frequentes. Na primeira frase, a repetição pode ser vista como reforço estilístico.

No caso de referência por correferente, (Fávero, 2006, p. 24), aponto estas construções:

Referido	↔	Correferente
2. “muitas crianças veem <b>a ação deles</b> ”		“e acabam indo pelo <b>mesmo caminho</b> ”
3. “Assim como em qualquer outro lugar, <b>bandidos</b> existem, mas é nas favelas que eles se escondem com mais facilidade.”		“Esses são alguns [...] um ponto principal, para que esses <b>delinquentes</b> não queiram abandonar as favelas”
4. “mas é lá também que se cria novos bandidos pois as crianças convivem com <b>esses homens de arma na mão matando, vendendo drogas.</b> ”		“É essa a realidade delas. Por isso algumas crescem com o ideal de serem, <b>chefes do morro ou da boca de fumo</b> ”
6. “favela”		“é lugar de bandido”
7. “a <b>favela</b> já tem um peso pelo nome que leva”		“É um <b>lugar</b> onde a violência rola solta, tiroteios, bandidos que roubam”
7. “A <b>falta de oportunidades</b> [...] até mesmo na área da educação”		“Crianças [...] já crescem com a <b>imagem da violência e com o pensamento de injustiça</b> ”
7. “muitos deles acreditam em um futuro que sempre acabará com um <b>final triste</b> ”		“ou <b>morte</b> ou <b>cadeia</b> ”
7. “ <b>encontrar bandidos</b> ”		“ <b>ir diretamente nas favelas</b> ”
8. “admiram os <b>bandidos</b> ”		“pensam em <b>ser como eles</b> ”
8. “ <b>play boys</b> ”		“ <b>filhinho de papai</b> ”
8. “falamos a <b>palavra favela</b> ”		“lembramos sempre de <b>bandido</b> ”
10. “favela é <b>lugar de bandido</b> ”		“pois a pessoa <b>só rouba, trafica, mata</b> ou etc.”

Quadro 26 – O referido + o correferente

### 4.5.3

#### Campo Lexical

Encontram-se exemplos também de coesão recorrencial por “uso de termos do mesmo campo lexical” (Fávero, 2006, p. 27/28), o que reforça a argumentatividade,

devido à insistência com que se volta à mesma ideia, vista sob ângulo semiótico diferente:

<b>Coesão recorrencial</b>	
Campo lexical A ↓	Campo lexical B ↓
2. “é muito difícil uma criança [...] não se misturar com <b>esse tipo de coisa</b> ”	“ <b>peçoas se drogando, tiroteios, bandido para um lado polícia para outro</b> ”
4. “é lá também que <b>se cria novos bandidos</b> ”	“pois as crianças <b>convivem com esses homens de arma na mão matando, vendendo drogas. É essa a realidade delas.</b> ”
5. “Sim, porque eles procuram morar em favelas para poderem se esconder e fazer suas <b>transações</b> ”	“como: <b>vender maconha, qualquer tipo de droga, quando forem roubar as pessoas das cidades eles se escondem nas favelas, é lá que eles se aglomeram e formam seus bondes</b> ”
7. “Pensam que teram (= terão) <b>mais futuro</b> ”	“seguindo a <b>vida do crime e do tráfico</b> ”
7. “futuro [...] com <b>final triste</b> ”	“ou <b>morte ou cadeia</b> ”

Quadro 27 – Coesão recorrencial

#### 4.5.4

##### Tempo Verbal

Na coesão seqüencial, a preocupação que o falante tem é fazer com que o texto ‘ande’, concatenando informações novas a antigas, buscando na categoria verbal ‘tempo’ o suporte para isto (Fávero, 2006, p. 33). O tempo presente é o que domina todas as redações, e isto se explica, segundo Castilho, pelo fato de serem textos do mundo a que Weinrich denominou de “mundo comentado”, o mundo dissertativo das ideias, em que, ainda seguindo Castilho, “o falante se desloca para um espaço-tempo imaginário, que não coincide com seu tempo real [é o que podemos denominar de] tempo fictício” (2010, p. 432). Um tempo que se presentifica e traz força argumentativa com isto, pois o dito se aproxima do leitor, envolve-o tanto no entendimento que ele faz da situação, quanto na emoção que essa própria situação provoca.

São diversos os trechos destas redações que podem ser selecionados para servir de exemplo de sequenciação temporal:

1. “todos vivem com medo” ⇒ “até passam [a] ajudar escondendo armas”
1. “as crianças vivem passando por isso” ⇒ “acabam se tornando um bandido.”
2. “muitas crianças veem a ação deles” ⇒ “acabam indo pelo mesmo caminho”
2. acham bonito andar com arma na mão” ⇒ “crianças pequenas já usam drogas.”
3. “como em qualquer outro lugar, bandidos existem” ⇒ “mas é nas favelas que eles se escondem”
4. “a favela é sim, lugar de bandido” ⇒ “pois se a polícia está a procura de um bandido” ⇒ “ela entra na favela.”
5. “Lá na favela tem sim gente honesta” ⇒ “mas é lá também que se cria novos bandidos”
5. “as crianças convivem com esses homens de arma na mão” ⇒ “matando” ⇒ “vendendo drogas.”
5. “é lá que eles se aglomeram” ⇒ “formam seus bondes, com mais de 10 cabeças”
5. “A maioria dos bandidos procuram morar em morros” ⇒ para formar seu próprio território” ⇒ “fazendo com que o acesso da polícia para com eles se torne difícil.”
5. “nem sempre eles tem o morro como “casa própria” ⇒ “pois sempre tem um inimigo querendo invadir”
8. “Eu sei que tem muita gente que mora na favela” ⇒ “não são bandidos” ⇒ “estão lá por meio de falta de opção mesmo”
10. “Geralmente os bandidos encontram-se residindo em favelas” ⇒ “isso não significa diretamente que só existam bandidos em favelas”

Quadro 28 – Sequenciação temporal

#### 4.5.5

##### Causa e Consequência

Também na coesão por sequenciação ocorre o que Fávero denomina de causalidade, que consiste em uma “relação de causa e consequência” (2006, p. 36). Costuma ser feita com a ajuda de conectores de causa, que estão grifados:

1. “Apenas umas pessoas não tem oportunidade na vida e as vezes sem estudo” ↓ “ <b>Com isso</b> vira um bandido”
2. “Eu acredito que favela é lugar de bandido sim” ↓ “ <b>porque</b> [...] muitas crianças veem a ação deles e acabam indo pelo mesmo caminho”
3. “é possível ver quem entra e quem sai da favela” ↓ “permitindo o controle de pessoas “estranhas” aos moradores”
3. “a favela é sim, lugar de bandido” ↓

“ <b>pois</b> se a polícia está a procura de um bandido, ela entra na favela”
5. “Sim, [favela é lugar de bandido]” ↓
“ <b>porque</b> eles procuram morar em favelas para poderem se esconder e fazer suas transações”
10. “as favelas são comunidades pobres” ↓
“ <b>por isso</b> lá estão a maioria dos bandidos”
10. “eu tenho de admitir que favela é lugar de bandido” ↓
“ <b>pois</b> a pessoa só rouba, trafica, mata ou etc.”

Quadro 29 – Coesão por relação de causa e consequência

Há relação de causa e consequência sem conector, apenas com a aproximação das duas ou mais sentenças:

1. “não tendo em prego e outro meio de ganhar dinheiro ↓ entra pra criminal idade, vendendo drogas ou roubando.”
1. “vendo isso ↓ todos vivem com medo e até passam ajudar escondendo armas”
1. “as crianças vivenciando drogas e as crianças vivem passando por isso e ↓ acabam se tornando um bandido. Adimirando e vive o que tem.”
6. “Favela é lugar de bandido [...] ↓ Favela possui a maior concentração de gente que é imoral.”
7. “Sim! ↓ É um lugar onde a violência rola solta, tiroteios, bandidos que roubam as grandes cidades e moram na favela.

Quadro 30 - Relação de causa e consequência sem conector

#### 4.5.6

#### Mediação

Igualmente a sequenciação que cria “relações de mediação”, através de “duas proposições, uma das quais exprime o meio para se atingir um determinado fim” (Fávero, 2006, p. 37). Esta é uma técnica, como outras, que enriquece a argumentatividade por trazer em seu bojo dois filamentos de ideias. É força que vem de dois campos de sentido que se formam:

<b>meio</b> ↓ ↓	<b>fim</b> ↓ ↓
5. “eles procuram morar em favela”	“para poderem se esconder”
<b>meio</b> ↓ ↓	<b>fim</b> ↓ ↓
“sempre tem um inimigo querendo invadir”	“fazendo com que aconteça uma guerra”
<b>meio</b> ↓ ↓	<b>fim</b> ↓ ↓
“não tendo em prego e outro meio”	“de ganhar dinheiro”
<b>meio</b> ↓ ↓	<b>fim</b> ↓ ↓
“[com o controle do alto da favela nas mãos] me atrevo a dizer que [é] um ponto”	“para que esses delinquentes não queiram abandonar as favelas”
<b>meio</b> ↓ ↓	<b>fim</b> ↓ ↓
“a mídia em geral não tem motivos”	“para falar bem das favelas”
<b>meio</b> ↓ ↓	<b>fim</b> ↓ ↓
“play boys vão até a favela”	“para comprar [a sua maconha]”

Quadro 31 – Sequenciação por relações de mediação

#### 4.5.7

#### Operador somativo

A sequenciação por operadores do discurso é recurso evidente para criação de força argumentativa. Segundo Fávero, “baseia-se na relação semântica de compatibilidade” (2006, p. 39). Garante-se A em relação a B porque há uma simetria entre eles.

Vamos aos exemplos:

<b>Sequência A</b>	<b>Operador/somativo</b>	<b>Sequência B</b>
1. “na favela existe pessoas do bem	<b>e</b>	também do mal”
1. “as crianças vivem passando por isso	<b>e</b>	acabam se tornando um bandido”
2. “muitas crianças veem a ação deles	<b>e</b>	acabam indo pelo mesmo caminho”
2. “só querem trabalhar	<b>e</b>	dar o melhor para os seus filhos”

3. “ver quem entra	e	quem sai da favela”
4. “casos de crime com filhinhos de papai á abafado	e	os mesmos nem sequer passam uma noite na cadeia”
5. “para poderem se esconder	e	fazer suas transações”
5. “lá [...] eles se aglomeram	e	formam seus bondes”
5. “briga entre bandidos contra bandidos	e	polícia contra bandidos”
6. “são automaticamente excluídos”	e	discriminados pela sociedade.”
7. “favela já tem um peso enorme pelo nome que leva	e	por ser habitada por pessoas pobres.”
7. “bandidos que roubam as grandes cidades	e	moram na favela.”

Quadro 32 – Operador somativo ‘e’

Estas somas enriquecem o argumento por duplicarem os caminhos do sentido. Comparemos, vamos retirar um dos lados do que se soma – “lá eles se aglomeram e formam seus bondes” - e ficará claro que o argumento, se assim tivesse sido apresentado, perderia em muito sua força de persuasão: “lá [...] eles se aglomeram”. Se a autora da redação 5 não tivesse aditivamente trazido para a frase esta segunda parte – “e formam seus bondes” -, fica evidenciado o quanto se alteraria a força argumentativa desta imagem de “aglomeração de bandidos” mais a da “formação dos bondes”.

A sequenciação sem operadores de discurso é também recurso argumentativo de convencimento. Cria-se um dinamismo inegável na sequência que se faz de forma direta, não interrompida por conector:

1. “entra pra criminalidade + vendendo drogas”
2. “acabam indo pelo mesmo caminho + acham bonito andar com arma na mão + crianças pequenas já usam drogas”
4. “as crianças convivem com esses homens de arma na mão + matando + vendendo drogas”
9. “onde o marginal mora + monta seu ponto de venda de drogas + promove os chamados “bailes de favela”
10. “a pessoa só rouba + trafica + mata”

Quadro 33 – Sequenciação sem operadores de discurso

Para encerrar esta seção, gostaria de acrescentar que, em um texto, seleções de componentes, seja por referência, substituição, elipse, ou por formação de campo lexical, vão criando padrões logogenéticos (Halliday & Matthiessen, 2004, p. 535/536),

em que uma matriz gera outra, formando encadeamentos, tecendo, passo a passo, a textualidade, o produto texto.

Foram oito os quesitos coesivos por que pautei estes últimos estudos. São da oração, de como foram ordenadas as palavras, ou substituídas, repetidas, até mesmo restringidas. Ou ainda, de como se pode emparelhar seu campo semiótico a outro, seja pelo uso de conector, por parataxe sem conjunção, ou por coordenação de pontualidades de temporizações verbais.

O que se pode intuir após essa caminhada pelas três unidades de análise aqui mostradas é que as redações destas futuras professoras, alunas do EM, são bem melhores do que se pensa, até do que se vê. O que houve nesta caminhada feita até aqui foi uma observação diferenciada dos textos delas, com relação às funções da linguagem (formação da consciência e construção da subjetividade) e do seu uso no discurso (processos verbais e coesão), sendo isso ligado pela argumentatividade. Exibem, através da textualidade produzida, os níveis de cognição que alcançaram na escola pública até agora. Percebe-se que não dominam o dialeto privilegiado, o qual entendo como variante de prestígio, conservadora, apregoada pela escola. Há restrições a construções sintáticas mal feitas, mas, no todo, podemos dizer que produziram ensaios coerentes em suas idéias, ainda que deixando a desejar na coesão. Podem nos mostrar que, antes das regras a que precisam se submeter, há a instanciação em que esses textos são feitos. Este momento tem algo mágico que o professor, de uma forma geral, parece ainda não ter descoberto.